

2. Descolonizar a universidade: Uma experiência no horizonte da integração latino-americana

University decolonization: An under-construction experience on Latin America integration horizon

Maria Elly Herz Genro ¹   Renata Castro Gusmão ²  

Camila Tomazzoni Marcarini ³   Victória Mello Fernandes ⁴  

Rossana de Souza Medeiros Dal Farra ⁵   Jurema Garcia Machado ⁶  

Carlos Alessandro Silveira ⁷  

^{1,2,3,4,5,6,7} Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compartilhar resultados da pesquisa *Universidade, Formação Política e Bem Viver: Estudo dos Projetos de Universidades Emergentes no Brasil (2003-2014)*, uma pesquisa qualitativa, construída coletivamente, envolvendo docentes e discentes de graduação e pós-graduação. Envolve quatro universidades emergentes: Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA); Universidade Federal do Sul da Bahia; Universidade Federal da Fronteira Sul e Universidade Federal do Pampa. Compartilhamos aqui os achados relacionados a UNILA - uma experiência que promove movimentos de descolonização da universidade e do processo formativo. Direcionamos o foco às *novas gramáticas*, uma das ideias forças que surgiram da análise das entrevistas. Trazemos fragmentos das vozes como narrativas do momento, percorremos documentos oficiais e um referencial teórico objetivando ampliar e atualizar a proposta de integração diante do contexto atual. Consideramos como *novas gramáticas*: brechas descoloniais que contribuem com a ousada proposta de integração latino-americana, uma *Ecologia de Saberes* (Santos, 2019) em desdobramentos, articulando interculturalidade e interdisciplinaridade, em conexão com o bilinguismo. Uma proposta desafiadora que precisa ser fortalecida e atualizada constantemente, almejando uma formação política em direção ao *Bem Viver* (Eschenhagen, 2013) como caminho possível e necessário em direção à qualidade social.

Palavras-chave: Universidade descolonial; Integração latino-americana; Qualidade social; UNILA; Novas gramáticas

University decolonization: An experience on Latin America integration horizon

ABSTRACT

This paper has the objective of sharing the results of the research named *University, Political Education and Good Living: Study of Emerging Universities in Brazil (2003-2014)*, a qualitative research, collectively built, involving undergraduate and graduate students and teachers. It evolves four emerging universities: Federal University of Latin American Integration (UNILA); Federal University of Southern Bahia; Federal University of Southern Border and Federal University of Pampa. Findings related to UNILA are shared – an experience that promotes movements of decolonization of the university and of training process. One of the strengths ideas that have emerged in the analysis of the interviews are the *New grammars* which are the focus of the study. Fragments of the voices as narratives of the moment are considered, as well as official documents and a theoretical framework, in order to broaden and update the integration proposal in face of the current context. *New grammars* are considered as decolonial gaps that contribute to the bold proposal of Latin America integration as an unfolding Ecology of Knowledge (Santos, 2019), articulating interculturalities and interdisciplinaries, in connection with bilingualism. A challenging proposal that needs to be strengthened and constantly updated, aiming at a political education towards a “Good Living” (Eschenhagen, 2013) as a possible and necessary way to social quality.

Keywords: Decolonial university; Latin America Integration; Social quality; UNILA; New grammars.

La descolonización de la universidad: Una experiencia en el horizonte de la integración latinoamericana

RESUMEN

Este artículo tiene el objetivo de compartir los resultados de la investigación *Universidad, Formación Política y Buen Vivir: Estudio de Proyectos de Universidades Emergentes en Brasil (2003-2014)*, una investigación cualitativa, construida colectivamente, involucrando a profesores y estudiantes de pregrado y posgrado. Se desarrolla en cuatro universidades emergentes: Universidade Federal de Integração Latinoamericana (UNILA); la Universidade Federal do Sul da Bahia; la Universidade Federal de Fronteira Sul y la Universidade Federal do Pampa. Se comparten los hallazgos preliminares relacionados con la UNILA, una experiencia que promueve movimientos para la descolonización de la universidad y del proceso de formación. Una de las principales ideas

que surgieron del análisis de las entrevistas son las *nuevas gramáticas*, tema central del estudio. Se toman en consideración fragmentos de voces como narrativas del momento, documentos oficiales y un marco teórico con el objetivo de ampliar y actualizar la propuesta de integración en el contexto actual. Se consideran como *nuevas gramáticas* a las brechas descoloniales que aportan a la propuesta audaz de la integración latinoamericana, una Ecología del Conocimiento (Santos, 2019) en desarrollo, articulando interculturalidad e interdisciplinas, en conexión con el bilingüismo. Se trata de una propuesta desafiante que necesita ser constantemente fortalecida y actualizada, apuntando a una formación política hacia el Buen Vivir (Eschenhagen, 2013), como un camino posible y necesario para la calidad social.

Palabras clave: Universidad decolonial; integración latinoamericana; calidad social; UNILA; nuevas gramáticas.

Décoloniser l'université : Une expérience à l'horizon de l'intégration latino-américaine

RÉSUMÉ

Cet article vise à partager les résultats de la recherche *Université, formation politique et bien-vivre: étude des projets d'universités émergentes au Brésil (2003-2014)*, une recherche qualitative, construite collectivement, impliquant des professeurs et des étudiants de premier cycle et des cycles supérieurs, impliquant quatre universités émergentes: l'Universidade Federal de Integração Latino-americana (UNILA); l'Universidade Federal do Sul da Bahia; l'Universidade Federal da Fronteira Sul et l'Universidade Federal do Pampa. Les résultats partagés sont liés à l'UNILA - une expérience qui promeut des mouvements pour la décolonisation de l'université et du processus de formation. Une des idées principales qui a émergée de l'analyse des entretiens ont été les *nouvelles grammaires*, thème central de cette étude. Des fragments de voix en tant que récits du moment sont mis en relief dans ce travail, ainsi que des documents officiels et un cadre théorique visant à élargir et mettre à jour la proposition d'intégration dans le contexte actuel. Les *nouvelles grammaires* sont considérées comme des écarts décoloniaux qui contribuent à la proposition audacieuse d'intégration latino-américaine, une écologie des savoirs (Santos, 2019) en développement, articulant l'interculturalité et l'interdisciplinarité, en lien avec le bilinguisme. Une proposition stimulante qui doit être constamment renforcée et mise à jour, visant à une formation politique vers le Bien Vivre (Eschenhagen, 2013), comme une voie possible et nécessaire vers la qualité sociale.

Mots clés : Université décoloniale; Intégration latino-américaine; Qualité sociale; UNILA; Nouvelles grammaires

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compartilhar resultados que decorrem da pesquisa: *Universidade, Formação Política e Bem Viver: Estudo dos Projetos de Universidades Emergentes no Brasil (2003-2014)*. Uma pesquisa qualitativa, de construção coletiva, diversa e participativa, envolvendo docentes e discentes de graduação e pós-graduação. A pesquisa abrange quatro universidades emergentes: a Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA); a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Trabalhamos com entrevistas e documentos institucionais: Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), regimentos e projeto pedagógico. As entrevistas foram realizadas no período de 2017 a 2019. Compartilhamos aqui os achados relacionados a UNILA, nos detivemos em suas *novas gramáticas* e seus desdobramentos que se mostraram como uma aposta de aprimoramento na qualidade da formação, como um salto ético.

As *novas gramáticas* compõem uma das ideias forças que surgiram no processo de análise das entrevistas, que envolveu a transcrição das gravações, a leitura, releitura e organização em planilhas a partir de fragmentos das falas, tendo como referência metodológica a aproximação dos estudos de Minayo (2006). Nesta perspectiva, compartilharemos os achados relacionados a UNILA em um diálogo aberto entre vozes que, de algum modo, construíram essa história, percorremos documentos oficiais e um referencial teórico objetivando ampliar e atualizar sua proposta de integração e suas novas gramáticas. Neste artigo selecionamos sete entrevistas que representam uma maior inserção na Instituição, envolvendo a sua gênese e a proposta de integração latino-americana. Para garantir a confidencialidade das falas, as identificamos como: E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7.

Chamamos de novas gramáticas as brechas descoloniais, o que ressoa como efeito desta “proposta de integração latino-americana” (Corazza, 2010). Uma integração de fronteiras para além do geográfico, de rupturas com fronteiras históricas e “cercamentos” que também são epistemológicos e ontológicos (Federici, 2020). A proposta de integração solidária da UNILA coloca-se como uma ruptura aos cercamentos coloniais, carregando em si desafios e tensionamentos. Apresentamos as *novas gramáticas* como pistas que possam con-

tribuir com uma formação humana comprometida com a qualidade de vida humana e não humana. Almejando uma formação ético-política em direção ao *Bem Viver* e sua relação com a universidade e a construção do conhecimento (Eschenhagen, 2013). Uma proposta que exige “recriação” e “reparação” da ideia de “bens comuns”, “como única saída que temos para expandir o espaço de nossa autonomia e para nos recusarmos a aceitar que a reprodução das nossas vidas aconteça às custas de outros comuns do mundo” (Federici, 2019, p. 387). No projeto da UNILA, as *novas gramáticas* ressoaram como movimentos de rupturas e inovações provocados por seu projeto político-pedagógico, como afirma Trindade:

Seu desenho institucional será elaborado no espaço entre a universidade ideal e a universidade possível, ou seja, entre a utopia que nos mobiliza e a utopia de sua concretude histórica no Brasil e na América Latina de hoje e do futuro. (2009a, p. 151)

A UNILA, desde sua gênese, é uma universidade que não se pretende apenas brasileira, inclusive busca inovar e construir novos processos de organização pedagógica, bastante diferente de grande parte das universidades públicas do Brasil, como nos diz Trindade (2009a). Seu projeto original diferencia-se do modelo das universidades brasileiras, que segundo Rossato (2008) possui forte influência do modelo francês (universidades napoleônicas) e do modelo alemão (universidades humboldtianas). Fronteiras que já nascem embaralhadas em sua própria estrutura, desde suas diretrizes iniciais a UNILA garante a presença latino-americana em sua comunidade, ou seja, na composição do corpo docente, discente e técnico-administrativo, como mostra o Plano de Desenvolvimento Institucional (UNILA, 2019).

A UNILA compõe o grupo de universidades emergentes, destacamos para este caso duas possibilidades de interpretação da palavra emergência: uma como a construção da qualidade em uma perspectiva descolonial de construção do conhecimento; outra como uma urgência ética e política em um continente tão massacrado, violado e roubado como o latino-americano, “veias que ainda encontram-se abertas” (Galeano, 2010). Ao pensar o impacto da colonização nas Américas, ou Novo Mundo, Federici (2017) demonstra relações entre colonização, escravização e desenvolvimento do capitalismo na Europa, assim como menciona que os instrumentos utilizados nesse percurso

eram a violência, o estupro, a tortura, a desumanização a partir da escravidão indígena e africana e seu genocídio:

O vínculo dos índios americanos com a terra, com as religiões locais e com a natureza sobreviveu à perseguição devido principalmente à luta das mulheres, proporcionando uma fonte de resistência anticolonial e anticapitalista durante mais de quinhentos anos. Isso é extremamente importante para nós no momento em que assistimos a um novo assalto aos recursos e às formas de existência das populações indígenas. Devemos repensar a maneira como os conquistadores se esforçaram para dominar aqueles a quem colonizavam, e repensar também o que permitiu aos povos originários subverter este plano, contra a destruição de seu universo social e físico, criar uma nova realidade histórica. (Federici, 2017, p. 382)

Para contextualizar as *universidades emergentes*: a pesquisa que aqui compartilhamos refere-se a um momento histórico de ascensão das universidades em termos quantitativos no Brasil. Neste mesmo período histórico (2003-2014), surgem as universidades emergentes como uma proposta de salto também qualitativo na formação universitária, em uma perspectiva da singularidade das experiências que tratam as quatro universidades da pesquisa. Ao mesmo tempo destacamos que esse contexto representa um ponto fora da curva na história da educação superior no Brasil, no que diz respeito à expansão, interiorização e investimento na universidade pública federal. Temporalidades que se colocam em diálogo nesta escrita.

Vivemos um contexto brasileiro e latino-americano que coloca em questão a autonomia da universidade e a sua própria sobrevivência, como no caso da UNILA, uma universidade que não apresenta sede própria, intensificando os efeitos no enfrentamento do neoliberalismo da sociedade contemporânea (Lander, 2005). Enfatizamos que o contexto pandêmico ampliou a intensidade das múltiplas crises sociais, econômicas e sanitárias. O neoliberalismo para além da dinâmica econômica, mas uma filosofia constituída pelo individualismo possessivo e o consumismo como ideal de uma boa vida, modelos de vida boa vendidos nos *apps* dos celulares, como nos alerta Federici (2020), “la ilusión de la interconectividad, produjo un nuevo tipo de soledad y nuevas formas de distanciamiento y separación” (p. 272).

O contexto acima impõe novas emergências às universidades emergentes. Como uma provocação neste sentido, trouxemos a ideia de Santos (2021) sobre a necessidade de mobilizar, construir e reinventar “um conhecimento prudente para uma vida decente”, como contribuição para pensar o sentido da universidade do Sec. XXI, considerando a pluralidade epistemológica do mundo. A etimologia da palavra “prudência” vem do Latim, como sabedoria, previsão, certa calma e paciência para tratar de temas complexos e delicados (Houaiss e Villar, 2001). A lentidão do pensamento, a atenção e cuidado na compreensão do mundo pode contribuir para conectarmos conhecimentos, experiências e desejos na contramão da fragmentação, da aceleração e dos automatismos produzidos pelo pensamento hegemônico, reproduzidor da roda da ganância e da concentração de poderes próprios dessa sociedade distópica da contemporaneidade.

A prudência como um movimento de reflexão profunda instiga nosso pensamento, para além de produzir diagnósticos compreensivos sobre a realidade, torna-se urgente escavar experiências/saberes que sinalizem alternativas frente ao mundo constituído. Como parte desse processo é preciso escavar mais fundo, questionar, reinterpretar, ressignificar, desmistificar a realidade tal qual considera Beauvoir (2018), desmistificar a realidade, enquanto tarefa filosófica, não significa desencantamento, mas denúncia de falsos ídolos, de ilusões perversas que silenciam a infinita riqueza da realidade, desfigurando a busca da verdade e mutilando nossa existência.

Para compor com a ideia de “uma vida decente”, trouxemos o *Bem Viver*, como uma alternativa, uma inspiração na cosmovisão aymara - *sumak kawsay*, y quechua, con el *suma qamaña*. O *Bem Viver* ampliou sua visibilidade ao ser incorporado às constituições de Equador (2008) e Bolívia (2009), e trazido por Eschenhagen (2013, p. 90) como um caminho para pensar os sentidos da universidade:

Si el “buen vivir” se plantea como un referente válido e interesante para repensar el proyecto social moderno, que ha llegado a sus límites, que se evidencian por doquier (problemas ambientales, crisis social y financiera/económica, etc.), las universidades juegan un papel importante al ser el lugar predilecto de construcción y reproducción de conocimiento que justifica y legitima las políticas socioeconómicas actuales que han generado en gran parte los problemas existentes.

A partir destes referenciais teóricos apresentados direcionamos nosso foco para olhar a UNILA como uma experiência em construção. No decorrer do texto, avistamos a sua gênese como uma das marcas de ruptura com a cosmovisão eurocêntrica, identificamos as *novas gramáticas* como possibilidades de um salto qualitativo na formação humana. Para apresentá-las, as organizamos em três eixos que se articulam e se complementam: a proposta de integração solidária; a articulação entre pesquisa, ensino e extensão; e o núcleo comum de estudos e seus desdobramentos – interdisciplinares, interculturais e o bilinguismo.

2. A EMERGÊNCIA DA INTEGRAÇÃO SOLIDÁRIA: CONSTRUINDO A QUALIDADE SOCIAL NA PERSPECTIVA DESCOLONIAL

A UNILA foi criada em 12 de janeiro de 2010, pela Lei nº 12.189/2010, período marcado pela criação de novas universidades públicas no Brasil. Sua estruturação iniciou em 2007 pela Comissão de Implantação, com a proposta de criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA) conveniado à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Itaipu Binacional. Sua construção ocorreu como círculos concêntricos que partiram da fronteira trinacional, passaram pela rede da Associação de Universidades do Grupo de Montevidéu (AUGM), formada por 22 universidades, até abranger grande parte das universidades públicas da América Latina e de órgãos governamentais e internacionais do continente latino-americano⁽¹⁾.

Como parte do projeto original de construção foram criadas Cátedras Latino-Americanas que tinham como perspectiva integrar diferentes áreas do conhecimento humano, científico, tecnológico e artístico. As cátedras, segundo Trindade (2009b), são espaços de congregação e integração latino-americana, momentos de encontros e formação interdisciplinar, atualmente, continuam como espaços de visibilização do pensamento latino-americano. A partir da análise das atas das reuniões de implantação da Instituição é possível ver a indicação de criação de cátedras: Amílcar Herrera, Celso Furtado, Francisco Balboa (chileno que cunhou o termo América Latina), entre outras.

A experiência da UNILA pode ser considerada uma ruptura com o modelo clássico de universidade na América Latina. Em seu projeto original busca inovar e integrar os países latino-americanos. Segundo Trindade (2009b) a

UNILA representa “uma universidade sem fronteiras”. Essa perspectiva atravessa seu projeto original, do planejamento à construção. Oliven (2005) reflete sobre as “marcas de origem” das universidades como um traço de origem que acompanha o desenvolvimento e a expansão das instituições. Dessa forma é possível afirmar que uma das marcas de origem da UNILA é a busca pela integração latino-americana, a busca por uma vivência, integração e construção de saberes sem fronteiras ou revendo seus contornos, como trouxe um docente entrevistado: “A gente tem aqui uma conjuntura, é um laboratório incrível no momento, num período em que as fronteiras estão ressignificadas, porque a fronteira servia para separar” (E7).

Além do desafio de integrar uma zona de “fronteira viva”, sustenta o desafio ético-pedagógico de integrá-las. Uma proposta que como podemos ver no Projeto Pedagógico contido no site da Universidade:

A Universidade está comprometida com o destino das sociedades latino-americanas, cujas raízes estão referenciadas na herança da Reforma Universitária de Córdoba (1918), mas com uma perspectiva futura voltada para a construção de sociedades sustentáveis no século 21, fundadas na identidade latino-americana, na sua diversidade cultural, e orientadas para o desenvolvimento econômico, para a justiça social e para a sustentabilidade ambiental. (UNILA, 2017)

Pensar uma “universidade sem fronteiras” é pensar sobre e para além de sua geografia, sua localização, os desafios de uma Instituição que nasce sobre uma fronteira viva trinacional: Brasil com o estado do Paraná, Argentina com Puerto Iguazú e Paraguai com Ciudad del Este. Essa localização já traz em si os desafios dessa zona de fronteiras geográficas, étnicas e culturais, que entram em cena nessa proposta de integração:

Com essa abrangência, impôs-se estabelecer um diagnóstico prévio para poder definir o campo de atuação acadêmica da UNILA e suas relações interuniversitárias de cooperação e de recrutamento de professores e seleção de alunos. Sua originalidade, além do fato de ser uma instituição bilíngue, assegura a participação equivalente de professores e alunos oriundos do Brasil e dos de-

mais países latino-americanos, nos termos do Projeto de Lei encaminhado ao Congresso Nacional. (Trindade, 2009b, p. 07)

A partir da análise dos documentos e das entrevistas é possível afirmar que a integração latino-americana não é um slogan, uma indicação abstrata ou então “apenas uma ideia de integração de comércio” como afirma um dos entrevistados (E7). A integração é sincera e se fez em muitas ações que buscaram tornar coletivo e plural a construção do projeto original da Unila. Nas entrevistas, a integração aparece como “um sonho”, “uma utopia”, como vemos a seguir:

Eu vejo que as pessoas que vieram pra UNILA, principalmente no início da Universidade tinha muito a ver com uma construção de um sonho, de um projeto... “nossa, Integração Latino Americana. (E5)

O que eu quero dizer com isso é que a utopia de querer fazer uma universidade que tenha a capacidade de ter essa vocação da integração latino-americana, é uma coisa muito desafiante especialmente para o Brasil. (E1)

A integração latino-americana como a utopia, e para que serve a utopia? Pergunta Galeano (2016), que responde na sequência: a utopia, é um horizonte que se afasta à medida que nos aproximamos. A utopia como algo não alcançável, serve para que não se deixe de caminhar. Um horizonte que vai além das fronteiras geográficas, que também traz em si o sonho e a utopia de ruptura com as estruturas duras de um passado ainda presente: que é colonizador e patriarcal, sustentáculos para o fortalecimento do capitalismo, como nos lembra a Federici (2017). Desafio utópico já trazido pela pensadora Gonzalez (2020) em seus ensaios entre anos 70 e 90, que também apontavam sobre a necessidade de um “olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural” (p. 127), alertando que “a história da américa latina”, “na verdade é ameríndia” e amefricana”.

Nesta perspectiva o desafio de descolonização das fronteiras também é da “ordem do inconsciente” (Gonzalez, 2020, p.127). Assim como afirma Segato (2020) não basta uma proposta ousada de integração se a regra ou proposta não ganhar “vigência cognitiva”, pois só desta forma a mudança ocorrerá. E transpor essa fronteira do inconsciente é algo que ainda segue em processo,

justamente por tratar-se de uma fronteira viva. A instalação da UNILA trouxe a circulação das pessoas diversas pelo território, o que trouxe mais um tanto de desafios e tensionamentos, que também tem a ver com estes resquícios do passado que carregamos em nossas estruturas, uma colonização que não é só geográfica, é também estética e que hoje se expressa em racismo, como nos traz Gonzalez (2020, p. 130):

Quando se analisa a estratégia utilizada pelos países europeus em suas colônias, verifica-se que o racismo desempenhará um papel fundamental na internalização da “superioridade” do colonizador pelos colonizados. E ele apresenta, pelo menos duas faces que só se diferenciam enquanto táticas que visam o mesmo objetivo: *racismo aberto e racismo disfarçado*.

Ao analisar as entrevistas percebemos resquícios desta colonização, racismos abertos e disfarçados que surgem no ato de narrar a integração, por vezes nada solidária, como nas falas a seguir: “viam alguém na rua e diziam “aquele lá é unilero”, “criaram um estereótipo” (E4); “Então ficou essa imagem de que os unileiros são bagunceiros, são maconheiros, não sei o quê. Isso segundo eu escutei aqui” (E6). Fronteiras do inconsciente que constroem imaginários, como apresentamos outros relatos que corroboram com o resquício de memórias coloniais que estão enraizados no inconsciente coletivo da sociedade:

Foram crises estudantis, crises entre professores, com a cidade, a gente não tinha essa aceitação. A gente ficava com vergonha e dizia “sou professor”, mas não falava de onde. Se você falasse, eles diziam “é vermelhinha”. Tinha muita xenofobia na cidade e isso para a gente foi um choque, porque Foz é uma cidade cosmopolita, tem muitos povos, mas me parece que eles não lidavam muito bem com os estrangeiros (...) viam alguém cabeludo, com uma mochila e diziam “aquele lá só pode ser da Unila”. A gente teve vários crimes, de gente que foi espancada porque era da Unila, inclusive um Haitiano. Ele esteve na TV, fez um relato de que a pessoa batia nele e falava “sai do meu país, você não tem que estar aqui”, é uma coisa da cultura do ódio, mas porque essa cultura do ódio? (E4)

A população recebeu a Unila antes mesmo dela existir, no imaginário da cidade, a Unila seria a melhor coisa que poderia acontecer; havia uma abertura, uma receptividade no começo e todo mundo queria estudar lá. Depois surgiram muitos problemas de a cidade não estar preparada para receber uma instituição do porte da Unila, e aí a expectativa inicial se frustrou por uma série de razões, pela abertura em demasia, pela diversidade cultural dos estudantes estrangeiros e etc. (E2)

Nesta perspectiva, repensar fronteiras e repactuar integrações têm a ver com descolonizá-las. Novos pactos de fronteiras, ruptura ao colonialismo, uma doutrina e prática que sustentou a expansão colonial. Este processo se caracterizou pelo estabelecimento de colonos, em países estrangeiros, para fomentar o comércio empreendido pelos países europeus, fenômeno moderno, iniciado no século XV e estendendo-se até o século XX. Santos (2010a) e Quijano (2010) atualizam o conceito de colonização, para sustentar que esta realidade, enquanto processo de ocupação de territórios, apropriação do humano e relação política explícita de dependência terminou.

A dinâmica da colonialidade mantém-se enquanto constituinte das relações sociais, impostas pelo norte global, através do capitalismo moderno, colonial e eurocêntrico que se caracteriza como a colonialidade do poder. Para Quijano (2010) a colonialidade é o padrão de poder capitalista eurocêntrico, mais profundo e duradouro imposto às relações intersubjetivas no mundo, que necessita das classificações raciais, de gênero, de uma divisão internacional do trabalho, ou seja da subalternização do “outro”, para sustentar-se. Grosfoguel (2010) abarca dois aspectos importantes em direção ao desenvolvimento de um pensamento de fronteira descolonial: a) o desenvolvimento de um pensamento amplo que transborde o cânone ocidental; b) uma perspectiva universal não pode se sustentar num universal abstrato, mas resultado de uma interlocução dialógica entre diferentes projetos críticos, políticos/éticos/ epistêmicos direcionados para “um mundo pluriversal”. Esta dinâmica significa o reconhecimento da diversidade de perspectivas, visões de mundo de pensadores críticos do Sul global, enraizados na concretude da vida, nos seus lugares étnico-raciais/sexuais subalternos.

Os movimentos contra hegemônicos na universidade são brechas que são tecidas no cotidiano, são processos complexos nesse espaço/tempo em que os controles da lógica mercantil do capitalismo predatório se fortalecem, assim como o autoritarismo nas sociedades desiguais e injustas, do continente latino-americano. É nessa direção que nos conectamos com a concepção de qualidade social como relevância, equidade, responsabilidade e bem comum. Universidade como instituição social, educação superior como um direito humano (Chauí, 2018; Santos, 2021). A ideia de qualidade social aproxima-se da perspectiva dos “comuns” de Federici (2021): envolve reciprocidade e responsabilidade como base da cooperação (outras referências filosóficas/científicas para além do nortecentrismo), ampliação da ideia do público estatal, observando o princípio da comunidade. A universidade na perspectiva dos comuns é uma potência a ser ativada, na denúncia dos cercamentos, elitização da universidade e da monocultura dos saberes. Os comuns têm relação com a partilha, participação democrática, responsabilidade e a consideração do conhecimento como um bem comum.

Neste sentido aproximamos a ideia de Sobrinho (2019) sobre qualidade social e bem comum, pois os espaços universitários institucionais são campos em disputa. Nos colocamos no horizonte de formação e construção de conhecimento na contramão da desigualdades, fome, insalubridade, opressões e injustiças sociais, afirmando nosso compromisso político com a interculturalidade, justiça social, com a democracia e o diálogo permanente na construção da dignidade humana.

A implantação das universidades na América Latina (séc. XVI) está inserida no contexto do colonialismo, expressando a dominação política e cultural dos colonizadores. Segundo as referências de autores/as descoloniais como Santos (2021), Segato (2012) esta dinâmica é perpetuada pela colonialidade do poder, do saber e do ser, num movimento de continuidade desse sistema de poder mundial. Esta realidade não impediu que as universidades na América Latina comessem uma história própria.

Descolonizar a universidade, enquanto um projeto político multimensional, significa a criticidade e proposição frente a mercantilização, democratização restrita (saberes e poderes) e as diferentes formas de discriminação e exclusão. Repensar a gestão, os currículos, a pesquisa conectada a extensão, universalização do acesso, conteúdos de ensino e pesquisa, métodos de ensino e uma

relação fecunda com a sociedade. Santos (2021, p.233) nos alerta que “las luchas se centraron en el elitismo socioeconômico de la universidad, es decir em su naturaleza capitalista, y rara vez em su naturaleza colonialista, en la enseñanza e investigación eurocêntrica”.

Esse projeto político pedagógico visa enfrentar a colonialidade na universidade e nos aproximarmos da ideia de sentido social institucional. Arriscamos considerar três grandes questões/temáticas, entre outras, para pensarmos a contribuição da universidade na América Latina: a degradação ambiental, desigualdade social e a democracia. A experiência da UNILA nos inspira para pensarmos a realidade da América Latina e suas possibilidades, levando em conta as dificuldades e limites próprios da instituição pública brasileira universitária.

Um passado colonial que ressoa entre os desafios de integração da UNILA. Nesta perspectiva, sua proposta de integração exige “ousadia intelectual” (E2), “Ousadia”, palavra que também adjetivou as narrativas do professor (E7). Não basta uma proposta ousada, é necessário romper as fronteiras do papel e se efetivar como prática, no caso da UNILA requer além de “ousadia”, invenção, criatividade, coragem para criar novas formas de operar nos cotidianos, sair do papel, do sonho, da utopia foi um dos desafios apresentados, como podemos ver:

Uma das coisas mais difíceis que vivenciei foi a questão da institucionalidade da universidade, pois queríamos que fosse uma coisa diferente das outras, mas não sabíamos bem como materializar a ideia, já que não se tinha muitos modelos pela frente. (E2)

Quando eu cheguei em janeiro de 2013 não tinha assim.... em termo de processos e procedimentos de como fazer as coisas era tudo uma grande incógnita ainda porque estava sendo construído e era cada coisa que a gente ia fazer tinha que descobrir o caminho. (E5)

Quando a gente fala em integração regional a gente tem que cuidar para não transformar as identidades, a gente tem que preservar as identidades, por exemplo, a gente tem atividades culturais para os haitianos, peruanos, para os bolivianos, a gente vai comer as comidas nos festivais, porque a cultura representa muito

do espaço existencial, já tem muita tradição a pesquisa que afirma que o etnocídio é precursor do genocídio, então, por exemplo, eu tenho uma preocupação enorme porque a gente fez pela primeira vez uma chamada para indígenas, tanto brasileiros quanto latino-americanos e tivemos um sucesso incrível nessa chamada, também refugiados do ponto de vista humanitário. Do ano passado pra cá as inscrições no processo seletivo internacional, a gente conseguiu aumentar em 59,6% para os estrangeiros virem para a Unila, claro que foi o resultado de mil pequenos fatores, um processo seletivo internacional. (E7)

Consideramos que esse processo de fortalecimento do sentido social da universidade, do aprofundamento da qualidade formativa e da produção do conhecimento envolve desconstruir estereótipos, preconceitos na perspectiva da integração solidária, em que ensino, pesquisa e extensão alimentam-se mutuamente.

2.1. Integração solidária: conexão ensino, pesquisa e extensão

A proposta de integração entre ensino, pesquisa e extensão fortalece a integração solidária, que é um dos pilares do projeto da UNILA. Segundo Souza e Barbosa (2020) o projeto de extensão da UNILA parte da parceria com a Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), que já desenvolvia ações relacionadas aos interesses regionais. Nesse sentido, ambas universidades consolidaram e ampliaram o fortalecimento da relação com a comunidade local - centros de direitos humanos e comunitários de bairros, associações, órgãos públicos das diferentes áreas e movimentos sociais, acolhendo as sugestões e necessidades trazidas por esses grupos como algo relevante, sinalizando caminhos possíveis para a resolução de problemas locais e regionais e do contexto latino americano, como por exemplo, a desigualdade social e econômica, fatores pobreza, a exploração do trabalho, questões relacionadas ao meio ambiente, políticas públicas e direitos humanos. Como podemos ver no PDI (UNILA, 2019, p.43):

No que se refere à relação Extensão e Ensino, a diretriz de indissociabilidade coloca o estudante como protagonista de sua for-

mação técnica e de sua formação cidadã. Transforma-se a concepção de “sala de aula”, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. A Extensão universitária também deve se desenvolver a partir da flexibilização da formação discente, como reconhecimento de ações de extensão no processo curricular e com atribuição de créditos acadêmicos. Na relação entre Extensão e Pesquisa, abrem-se múltiplas possibilidades de articulação entre a Universidade e a sociedade.

Quando a comunidade e a universidade dialogam, os saberes se fortalecem e os interesses convergem. Nessa perspectiva, a base fundante da extensão é o compartilhamento das experiências, uma vez que a universidade ao abrir suas portas para a comunidade local, deixa entrar histórias de vida, conhecimentos e crenças, ou seja, as singularidades das vivências humanas. Um processo de mão dupla, já que a universidade também ultrapassa os muros institucionais, compartilhando outros saberes essenciais para a emancipação dos sujeitos. Estabelecendo reflexões, Santos (2010, p. 56) destaca:

Por assim dizer, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental etc.) que circulam na sociedade.

A extensão universitária da UNILA é parte da missão institucional, que tem por objetivo construir uma relação transformadora entre a universidade e sociedade, conectando saberes e culturas ao conhecimento técnico científico, contribuindo assim para o desenvolvimento regional. Ao conectar-se saberes acadêmicos às necessidades regionais, a formação dos estudantes se amplia e qualifica, o que lhes permite atuarem profissionalmente em contextos diversos, num movimento integrativo solidário de transformação social rumo a melhoria da qualidade de vida com justiça social na América Latina e caribenha.

A extensão universitária relaciona-se com a relação da universidade com a sociedade em seu entorno, com a busca por integrar a comunidade universitária com a sociedade que recebe e relaciona-se com a nova instituição. Foi

possível observar a partir das análises das entrevistas que a integração com a sociedade se tornou um desafio como a integração entre os países, como vimos na fala a seguir:

E a gente começou a trabalhar assim, muitos professores começaram a trabalhar e mostrar que a UNILA é outra coisa, é mais do que isso que eles estão pensando, é mais que isso. Então, começamos os projetos de extensão, de trazer a comunidade para dentro, divulgar UNILA de outra forma. (E4)

Diante do exposto, esse caminho de construção da universidade é um processo que envolve pressupostos éticos, políticos e culturais, pois o cuidado com o humano, com o fazer coletivo democrático amplia nossa racionalidade, para além da instrumentalidade, numa racionalidade de fronteira, onde as vivências, as escutas, as leituras do mundo e da palavra podem instigar nossa criatividade em direção ao *Bem Viver*.

A caminhada de integração da América Latina no projeto UNILA está sendo experimentado na proposta do Ciclo Comum de Estudos e seus desdobramentos. As experiências relatadas nas entrevistas são potências que fortalecem uma conversação democrática, na perspectiva intercultural.

3. CICLO COMUM DE ESTUDOS: DESDOBRAMENTOS INTERDISCIPLINARES E O BILINGUISMO

Apesar da integração latino-americana ser uma marca de origem da UNILA, não se trata de uma realidade finalizada. Um dos grandes desafios dessa integração é a proposta de Ciclo Comum de Estudo (CCE) como uma aposta de constante movimento de ampliação de referenciais teóricos, reflexivos e culturais nas distintas áreas do conhecimento, porque a integração também está no resgate de pensadoras e pensadores latino-americanos, sobretudo a partir desta experiência de CCE e seus desdobramentos interculturais e interdisciplinares dos saberes. Para olharmos para estes desdobramentos, recorreremos a ideia de “ecologia de saberes”: “o reconhecimento da copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles, a fim de maximizar a eficácia das lutas de resistência contra a opressão. (Santos, 2019, p. 28).

A proposta de CCE na UNILA está pautada em três pilares: o bilinguismo, estudos sobre a América Latina em geral (ciências sociais e humanidades) e metodologia de estudos. Trata-se de uma etapa de formação inicial comum a todos os cursos de graduação, com duração de três semestres. Apresenta-se como um potente diferencial na qualidade social da formação universitária, como nos disse a docente: “Eles têm uma formação muito rica tendo esse ciclo comum e tem a mesma capacidade que qualquer outro estudante recém-formado de uma faculdade normal, assim que tem esse modelo mais tradicional” (E4).

Então aqui tem, tu tens os Fundamentos da Integração, aqui tu tens Competências e Habilidades para o Estudo Superior, as três fases do primeiro ciclo básico, iniciação ao Campo Específico de Estudos. Há! Isso foi outra coisa que nós achamos fundamental, além da metodologia, da língua a Iniciação ao Campo Específico de Estudo, ele já tem no ciclo básico. (E3)

Integrar também envolve os conhecimentos que circulam e como circulam, é nesta perspectiva que surge o CCE, como uma nova gramática, “para não ficar refém das epistemologias do Norte, a sociologia das ausências tem de ir além do pensamento crítico eurocêntrico” como uma forma de “dialogar com outros saberes que oferecem entendimentos da vida social e da transformação social alternativos às monoculturas ocidentocêntricas do conhecimento vário, do tempo linear, da classificação social, da superioridade universal e do global e da produtividade” (Santos, 2019, p. 51).

Uma nova gramática que visa contribuir com o avanço da integração latino-americana e caribenha, numa perspectiva interdisciplinar, num processo de ampliar a especialização das áreas de conhecimentos, corroborando assim, com as ideias de Morin (2010, p.16), que propõe a “não compartimentação dos saberes, mas sim sua contextualização e integração, sendo estas duas qualidades fundamentais da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada”.

O CCE também aparece como uma proposta de integração disciplinar, de ruptura com a rigidez das fronteiras das disciplinas. Descolonizar o conhecimento também passa por descolonizar as metodologias, “aquecer os conceitos”, o que significa para Santos (2019, p. 150) “transformar a latência em potência,

a ausência em emergência”, “implica tanto na identificação de um estado de coisas como uma muito sentida avaliação deste”.

Ao revisarmos os documentos da gênese da UNILA, encontramos a aposta na interculturalidade como uma potência da integração latino-americana. “O diálogo intercultural, permeando esse encontro de saberes, está sendo pensado para ser estabelecido como um dos pontos nevrálgicos do projeto pedagógico” (IMEA, 2009, p. 09). A interculturalidade passa por “considerar que a busca da integração passa necessariamente pelo reconhecimento das diferenças entre as diversas culturas da América Latina” (IMEA, 2009, p. 09). Traze-mos a fala da professora para compor o diálogo:

Então assim, você dava aula numa turma que você tinha estrangeiro, brasileiro, tinha gente da Ciência Política, tinha gente da engenharia, tinha gente de todos os cursos e de todas nacionalidades, todo mundo junto e misturado falando de um mesmo tema. Para mim aquilo era muito mais rico, muito mais rico daquela forma, que mudou quando botaram a gente dentro daquelas caixinhas, porque daí cada curso tinha a sua disciplina de América Latina, a sua turma de língua oficial, o seu ciclo de ensino básico. (E4)

É na práxis que integração expõe suas novas gramáticas como um diferencial na proposta no projeto da UNILA, brechas que escapam pelas grades curriculares, como possibilidade de descompartimentar corpos, a relações, integrando também suas diferenças, nacionalidades, línguas, saberes. Novas gramáticas que se tecem nos espaços-tempo que constroem juntos. Compartilhamos um fragmento do Projeto Pedagógico do Ciclo Comum de Estudos (UNILA, 2013, p. 8):

A partir dessas considerações sobre níveis e do contexto institucional da UNILA, foi planejada uma estrutura de três níveis (disciplinas) obrigatórias para o ensino de Espanhol e Português, como línguas adicionais. Neles, os alunos desenvolverão as habilidades linguísticas, interculturais e interdisciplinares. Para tanto, será considerada uma série de procedimentos metodológicos relacionados ao ensino de línguas adicionais e à avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Integrar também passar por pensar a comunicação, desta forma, a descolonização do conhecimento também passa pela língua, ou seja, é necessário uma formação que repense a língua para estabelecer uma ruptura com a monocultura dos saberes, como diz hooks (2017, p. 231), “a mudança no modo de pensar sobre a língua e sobre como a usamos necessariamente alerta o modo como sabemos o que sabemos”. O bilinguismo, no caso da UNILA, surge como uma aposta neste sentido, como podemos ver no diálogo a seguir entre a professora e o PPCCE:

Então a gente pensou assim: nós temos que ter também, além do idioma que os de língua espanhola aprenderiam português, e os nossos aprenderiam espanhol, então isso já desde o primeiro [...], possibilidades, e a outra era uma ideia de investigação científica. Alguma ideia que desse para eles de metodologia de como a ciência age, como a gente faz, o fazer científico, não só na área de humanas, aí não era pra..., a gente achava que isso era importante, isso acabou dando para nós, o desenho do primeiro ciclo. (E3)

O conhecimento de outras línguas que compõem o mosaico de realidades heterogêneas numa região diferenciada torna-se fundamental. A linguagem forma parte da estrutura de significações e construções simbólicas que têm sua expressão em imaginários sociais que compreendem não só uma interpretação da realidade, senão ademais, a possibilidade de criação de um projeto. (UNILA, 2013, p. 8)

Também identificamos o bilinguismo como uma nova gramática, como um desdobramento do CCE que busca por uma presença mais equilibrada, em todos os segmentos da comunidade universitária, de brasileiros e estrangeiros. Está organizado em níveis que permite o desenvolvimento de conhecimentos gramaticais, pragmático-discursivos e culturais da língua-alvo, ampliando-se enquanto agente social e intercultural. A proposta também propicia um ambiente acolhedor na relação entre docente e discente, da mesma forma que se faz necessário para a compreensão dos conteúdos ministrados na sala de aula, em dois idiomas, o português e o espanhol, como pudemos ver nas falas acima.

Apresentamos o bilinguismo, a interculturalidade e a interdisciplinaridade, como desdobramentos do CCE, compondo “a artesanaria das práticas” (Santos, 2019, p. 61). A integração latino-americana como um movimento que se apresenta inacabado, novas gramáticas que precisam se fortalecer diante dos novos desafios do neoliberalismo em direção à uma “descolonização cognitiva” (Santos, 2019, p. 161).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aproximarmos nosso foco para a UNILA foi possível perceber o quão desafiador é criar uma universidade que seja realmente democrática, pois as formas de construção do conhecimento estabelecidas na sociedade moderna ocidental, transpostas ao contexto brasileiro, são marcadas pela centralização e pela padronização de um saber universal, que se deslocaliza do locus de produção, o que afeta materialmente e simbolicamente o que são as universidades.

A democracia proposta desde a gênese da UNILA se consolida em movimentos de integração solidária, de compreensão dos limites das instituições de educação superior brasileira para dar conta da diversidade de uma universidade que se pretende “sem fronteiras” e ao mesmo tempo que abarque a diversidade cultural, étnica do continente. Nesse sentido, não apenas a língua é um desafio, assim como a compreensão dos limites de nossa formação dentro do paradigma moderno eurocêntrico e colonial.

Ampliar as escutas entre discentes e docentes. Pensar pontes possíveis que possam fortalecer a UNILA e ampliá-la em suas tessituras de redes revolucionárias e espalhar sementes de transformações, estas que germinam nas frestas dos concretos. A proposta de integração para se efetivar precisa ser construída também nos imaginários que transitam em seus espaços, dentro e fora dos muros, entre comuns como propõe Silvia Federici.

A integração solidária da América Latina, pelo conhecimento mútuo e pela cultura, envolve a escuta e a aprendizagem constante em relação a diversidade de experiências que se colocam na contramão das rígidas fronteiras entre os povos. Assim, através da contribuição da universidade, vamos desobstruindo caminhos e criando pontes para enfrentar as desigualdades e encontrar respostas frente as demandas concretas de cada realidade, levando em conta nossas similitudes e nossas singularidades.

Vivemos uma crise civilizatória, que se manifesta na degradação do tecido social e político, tempos em que a solidariedade, a reflexão crítica e a capacidade de aprender com o outro entranha-se também nas práticas universitárias. Estabelecer processos rupturantes com nossos fazeres cotidianos automático exige, na esteira de Sobrinho (2019), fortalecer nossa capacidade e hábito de refletir criticamente sobre os significados das nossas ações e pensamentos e os destinos do mundo globalizado que estamos tecendo.

A construção de uma universidade emergente, na perspectiva construída ao longo do artigo, é um fazer cotidiano/uma aposta na resistência a colonialidade (poder, saber e do ser), como uma dinâmica sem fim para além do humano, respeito as diferentes formas de vida, humanizando nossa humanidade e experiências para produzir qualidade de vida-bem viver.

Os estudos referentes aos projetos emergentes de universidade possibilitam ampliar nosso olhar sobre nossas experiências acadêmicas. O caso especificamente da UNILA instiga nosso olhar, numa perspectiva da urgência da formação ético política voltada para realidade da América Latina, suas necessidades e demandas sociais. A integração solidária como missão dessa universidade pode ser um valor encarnado nos nossos pensamentos e práticas institucionais, pois assim vamos tecendo, no cotidiano, um projeto político de uma utopia concreta, qualidade social, qualidade de uma existência em movimento.

REFERÊNCIAS

- Beauvoir, S.B. (org.). (2018). *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita e outros escritos*. Tradução: Magda Guadalupe dos Santos. Quixote escritores associados.
- Brasil. Ministério da Educação. *Estatuto Universidade Federal da Integração Latino-Americana*. Aprovado pela Portaria nº 32, de 11 de abril de 2012, da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior, do Ministério da Educação; publicada no DOU nº 71, de 12 de abril de 2012, s. 1, p. 8. <https://bit.ly/3dIWb8x> Acesso em: 01/10/21.
- Chauí, M. (2018). *Em defesa da educação pública, gratuita e democrática*. 1 ed. Autêntica Editora.
- Corazza, G. (2010). A UNILA e a Integração Latino-Americana. Boletim de Economia e Política Internacional. IPEA. Nº 3. <https://bit.ly/3v04jnN>

- Dias Sobrinho, J. (2019). Qualidade, pertinência, relevância, responsabilidade social, bem público. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 24(1). <https://bit.ly/3SJ1771>
- Eschenhagen, M.L. (2013). *¿El “Buen Vivir” en las universidades?: posibilidades y limitaciones teóricas*. *Integra Educativa* Vol. VI / No 3. <https://bit.ly/3JD9mwU>
- Federici, S. (2017) *Calibã e a Bruxa: mulher, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: Coletivo Sycorax. Elefante.
- Federici, S. (2019) O feminismo e a política dos comuns. Em Hollanda, H.B. *O pensamento feminista: conceitos fundamentais*. (378-394). Bazar do Tempo.
- Federici, S. (2020) *Reencantar el mundo: el feminismo y la política de los comunes*. 1 ed. Tinta Limón.
- Galeano, E. (2010). *As veias abertas da América Latina*. L&PM.
- Galeano, E. (15/10/2016). *¿Para qué sirve la utopía?*. Extraído de: <https://bit.ly/2JmsvUh>
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1ª ed. Zahar.
- Grosfoguel, R. (2010). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Em: Santos, B.S.; Meneses, M.P. (orgs). *Epistemologias do Sul*. Cortez Editora.
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2 ed. Editora WMF Martins Fontes.
- Houaiss, A. e Villar, M.S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Objetiva.
- Instituto Mercosul de Estudos Avançado (IMEA). (2009). *A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina*. Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu: IMEA.
- Lander, E. (2005). Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. Em: Lander, Edgar. (org.). *A colonização do saber eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectiva Latino-Americana*. (p. 21-53). CLACSO.
- Minayo, M.C. (2006). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. revista aprimorada. Hucitec.

- Morin, E. (2010). *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Bertrand.
- Oliven, A. (2005). A Marca de Origem: comparando colleges norte americanos e faculdades brasileiras. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 111-135, maio/ago.
- Quijano, A. (2010). Colonialidade do poder e classificação social. Em Santos, B.S.; Menezes MP (orgs), *Epistemologias do Sul*. (p. 73-116). Cortez Editora.
- Rossato, E. (2008). *Modelos da universidade brasileira (1920-1968)*. Biblos.
- Santos, B. S. (2010a). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Em Santos, BS; Menezes MP (orgs), *Epistemologias do Sul*. (p.23-72). Cortez Editora.
- Santos, B. S. (2010b). *A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. Cortez.
- Santos, B. S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. 1 ed. Autêntica Editora.
- Santos, B. S. (2021) *Descolonizar la Universidad: el desafío de la justiça cognitiva global*. CLACSO.
- Segato, R. L. (2012). Brechas descoloniales para una universidad nuestramérica. *Revista Casa de las América*. jan/Mar. N. 266. p. 43-60.
- Segato, R. L. (17/06/2020). *Sesión inaugural del curso Políticas universitarias para la Igualdad de Género*. Em: TV UNAM. <https://bit.ly/3PtSLgp>
- Souza, A. M. Y Barbosa, F.C.M. (2020). Extensão: O papel da universidade na intermediação com a comunidade. In: LIMA, Manolita Correia, Assumpção, SR; Bonomo; Prolo, I.; Vieira, RC. (org.). *Narrando experiências formativas que valorizam pessoas, culturas e projetos no ambiente universitário: O Caso da Unila*. (p. 45-61). Edunila.
- Trindade, H. (2009a). Educación superior y sociedad / nueva época / año 14 / Numero1 / enero. <https://bit.ly/3QgAHaV>
- Trindade, H. (2009b). Apresentação. Em Instituto Mercosul de Estudos Avanzados. *A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina*. (p.07-08). Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. IMEA.
- Universidade Federal da Integração Latino Americana. (2013). *Projeto Pedagógico do ciclo Comum de estudos*. UNILA. <https://portal.unila.edu>

Universidade Federal da Integração Latino Americana. (17/05/2017). Em: portal eletrônico da UNILA. *Projeto Pedagógico*. <https://bit.ly/30Z7TCt>

Universidade Federal da Integração Latino Americana. (2019). *Plano de Desenvolvimento Institucional 2019/2023*. UNILA. <https://bit.ly/3Sy9QZg>

NOTAS

⁽¹⁾ Em publicação realizada pelo IMEA em 2009 sobre a história da UNILA, os países do continente americano são os que possuem como língua oficial o espanhol, português, francês ou outros idiomas derivados do latim. Compreende praticamente toda a América do Sul, exceto a Guiana e o Suriname, países considerados germânicos. Engloba os países da América Central e países do Caribe como Cuba, Haiti e República Dominicana. Da América do Norte, apenas o México é considerado como parte da América Latina. O total é de 21 países: Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.